

Comentário

Liana Albernaz de Melo Bastos,¹ Rio de Janeiro

A história de Ida Bauer, a Dora, é, no dizer de Roudinesco e Plon,

um drama burguês, tal como encontrado nas comédias ligeiras do fim do século 19: um marido fraco e hipócrita engana sua mulher, uma dona de casa ignorante, com a esposa de um de seus amigos. A princípio enciumado, depois indiferente, o marido enganado tenta, de início, seduzir a governanta de seus filhos. Depois, apaixona-se pela filha de seu rival e a corteja durante uma temporada. Horrorizada, esta o rejeita, pespega-lhe uma bofetada e conta a cena a sua mãe, para que ela fale do assunto com seu pai. Este interroga o marido da amante, que nega categoricamente os fatos pelos quais é recriminado. Preocupado em proteger seu romance extra conjugal, o pai culpado faz com que a filha passe por mentirosa e a encaminha para tratamento com um médico que, alguns anos antes, prescrevera-lhe um excelente tratamento para sífilis. A entrada de Freud em cena transforma essa história de família numa verdadeira tragédia do sexo, do amor e da doença. (1998, p. 51)

Em outubro de 1900, mesmo ano da publicação de *A interpretação dos sonhos*, Freud recebe Dora em seu consultório. A publicação desse tratamento de três meses, “Fragmento de uma análise de um caso de histeria”, se dá em 1905, mesmo ano dos *Três ensaios sobre a teoria sexual*. Freud busca dar ao inconsciente e à sexualidade um lugar discursivo. Se são as histéricas que desde Charcot o fascinaram, se a elas devemos o surgimento da psicanálise, é Freud quem, ao falar deste corpo erótico, da conversão nele das fantasias sexuais (mal) recalçadas, produz uma gramática da sexualidade. “Quem sustenta esta linguagem se coloca, até certo ponto, fora do poder, faz a lei tremer, antecipa, mesmo que apenas um pouco, a liberdade futura” (Foucault, 1976, citado por Safatle, 2016, p. 378).

Com a subversão do discurso vigente antecipando a liberdade futura, Freud faz tremer o seu tempo. Green (2002), ao discutir a histeria e os estados-limite, pergunta, diante da multiplicação deles na paisagem psicopatológica contemporânea, se eles não estariam tomando o lugar que já coube à histeria, em função de certo *Zeitgeist* (espírito do tempo). Sem reduzir o problema a apenas esta dimensão, a do espírito do tempo, não podemos deixar de pensar nos impactos da moral sexual vitoriana do século 19 na configuração dos sujeitos de então. Aliás, sobre isso, Freud escreve “A moral sexual ‘cultural’ e a

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

doença nervosa moderna” (1908/1986). Freud é, na definição de Agamben (2009), um contemporâneo. Não aquele sintônico e deslumbrado com seu tempo, cego pelas suas luzes, mas o que consegue entrever as sombras. Ao transitar por essa perversa obscuridade, o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, pois “contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (p. 64).

Freud (1905/1976a) é cauteloso na apresentação do caso Dora. Sabe que ao trazer à luz as trevas, expõe-se ao descrédito. Justifica sua linguagem franca e direta sobre as “coisas sexuais” com Dora, invocando os ginecologistas, mas o corpo que lhe interessa não é o anatômico. Já sabe da anatomia imaginária da histeria. Seus propósitos são outros. Busca dar fundamento e coerência às descobertas da incipiente psicanálise. O tratamento de Dora, segundo ele, nos permite ter uma visão de conjunto consequente, compreensível e completa da história da doença. Com o objetivo prático de suprimir todos os sintomas possíveis, substituindo-os por pensamentos conscientes, há ainda outro, o objetivo teórico, que é a tarefa de curar o doente de todos os males da memória.

A histérica sofre de reminiscências. A memória e os tempos passados são atualizados no corpo. O corpo histérico conta, de maneira simbólica, os caminhos de sua sexualidade, das pulsões parciais, das fixações e regressões e de suas dificuldades em elaborar os conflitos, transformando-os em sintomas. Há uma história a ser decifrada e é para isso que Freud propõe uma linguagem.

Nas palavras de Safatle:

Ao falar francamente sobre sexo com uma garota, Freud não apenas escuta. Ele lhe ensina como falar, em que condições seu desejo pode ser colocado em discurso, qual história ele deve contar, qual conflito ela deve assumir. Falar não é apenas liberar. Falar é também internalizar uma gramática do desejo. Assim, podemos ler o caso freudiano também como a história de um conflito. O conflito que ocorre quando as relações sexuais, seus órgãos e funções são postos em determinado regime de “falar franco”, são levados a assumir certas histórias e dinâmicas. Se assumirmos tal perspectiva, o caso Dora talvez aparecerá como um interessante relato de certa forma de resistência que não é apenas uma reação terapêutica negativa, mas a insistência da dificuldade em constituir uma fala sobre a sexualidade que seja capaz de dar voz aos arranjos contingentes que a sexualidade produz. A posição de Freud é aquela de quem fornece uma norma geral de fala. A posição de Dora é aquela de quem não a aceita completamente. É esta incompletude em relação à norma de fala fornecida por Freud que produzirá a ruptura do tratamento. (2016, p. 379)

Do fracasso do atendimento, com a interrupção do tratamento, Freud nos apresenta o fenômeno da transferência. Dora permitiu a Freud e à

psicanálise avançarem, mas ela própria não andou. Carregou seus infortúnios por toda a vida, incorporando novos sintomas.

Morreu aos 63 anos, de câncer de cólon, infeliz e com horror aos homens (Roudinesco & Plon, 1998).

Identidade de gênero

Safatle (2016) nos propõe entender a histeria como uma patologia cuja questão central gira em torno da identidade de gênero, patologia que marca o sofrimento diante da assunção de um corpo marcado pela diferença sexual e por sua genitalidade. Daí, diz ele, porque uma das características principais da histérica diz respeito ao modo de construir identificações que possam reforçá-la, por imitação, em uma posição feminina que aparece insistentemente em questão. Poderíamos – e seria bem-vindo – prosseguir, neste momento, na linha identificatória, nas dificuldades edípicas e na discussão sobre as contingências da sexualidade humana, mas vou me arriscar e trazer a este debate outras considerações.

Em 2017, a filósofa Judith Butler, convidada para um seminário sobre democracia no Brasil, foi recebida por uma horda ensandecida que, aos gritos de “queimem a bruxa”, ateou fogo a um boneco com a imagem dela. Essa cena, que traz o *Malleus maleficarum* ao presente, revela a ameaça da fantasia psicossocial que aglutina medos e ansiedades em torno do chamado gênero. Para entender essa aglutinação, Butler utiliza os conceitos freudianos de condensação, deslocamento e fantasia como um arranjo sintático de elementos da vida psíquica de Laplanche. Butler faz da experiência vivida na sua chegada ao Brasil um livro, *Quem tem medo do gênero?*, publicado em 2024. Ainda que feministas concordem que o sexo é biológico e o gênero se refira às formas socioculturais do “tornar-se”, nenhuma abordagem de gênero esgota todas as possibilidades. Daí o alentado desenvolvimento que ela faz do conceito nesse livro.

As políticas antigênero, da qual já tivemos amostra no último governo no Brasil e da qual Butler foi vítima, continuam a vicejar e crescer pelo mundo como uma das bandeiras da extrema-direita, neste momento perigosamente encabeçada pelo governo Trump. A violência que se abate cotidianamente sobre a população LGBTQIA+, indígenas, negros e periféricos; corpos que não atendam aos ideais de “pureza” (já ouvimos isso, não?), determina que devem ser oprimidos e abatidos². Torna-se, assim, fundamental entender por que a discussão de gênero se insere na defesa da democracia, do antirracismo e do contracolonialismo. Mais ainda, como psicanalistas, precisamos compreender

2 A Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, no Carnaval de 2025, teve como enredo a história de Xica Manicongo, africana trazida escravizada em 1560, primeira travesti documentada que foi objeto da Inquisição no Brasil. Com a participação expressiva da comunidade LGBTQIA+, a Paraíso do Tuiuti teve a ousadia de, ao levar ao sambódromo essa temática, jogar luz sobre as sombras que ainda reinam sobre essas questões.

como o “espírito do tempo” marca, no século 21, as constituições subjetivas da sexualidade e o que podemos contribuir na discussão de gênero. O que é tão ameaçador quando as sexualidades escapam do binarismo sexual?

Freud, no final do século 19 e início do 20, deu passos gigantescos: trouxe o primado do inconsciente, apresentou a sexualidade infantil, sustentou a bissexualidade e colocou as pulsões em cena. Como nós, psicanalistas do século 21, podemos avançar?

Convidado a falar no Palais des Congrès em Paris, em 2019, em reunião internacional da Escola da Causa Freudiana, sobre mulheres na psicanálise, Paul Preciado causou, nas suas palavras, “um terremoto”. Seu texto tinha o título provocativo de *Eu sou o monstro que vos fala*.

Quando perguntei se havia na sala algum ou alguma psicanalista homossexual, trans ou de sexo não binário, fez-se um silêncio pesado, rompido apenas por algumas risadinhas nervosas. Quando pedi às instituições psicanalíticas que assumissem sua responsabilidade diante da atual transformação da epistemologia sexual e de gênero metade da sala riu, enquanto outros reagiram com gritos ou me pedindo para sair. (Preciado, 2022, p. 9)

Temos fugido às nossas responsabilidades como denuncia Preciado? Como temos contribuído diante da atual transformação da epistemologia sexual e de gênero? Ouvir/ler Preciado deveria nos trazer espanto.

Desde Aristóteles, o espanto é o propulsor da filosofia, o que leva ao desejo de saber. Pelo espanto, o sujeito deixa de ser indiferente à sua realidade, às ações e aos acontecimentos. Gera a impulsão para que seja construída a atitude crítica, contestadora e problematizadora e nos leva à descoberta de nossa própria ignorância e à indagação sobre o que ignoramos. Não é essa a atitude psicanalítica por excelência?

Dora e as identificações

Com os elementos trazidos pelas considerações anteriores, retomo algumas questões. Lacan explora, em Dora, a possibilidade de duas vias identificatórias que lhe permitiriam integrar, na dimensão fantasmática, a bissexualidade: a feminina (a mãe, a governanta, a Sra. K) e a masculina (o pai, o Sr. K, o próprio Freud). Para o autor,

as identificações masculinas seriam marcadas pela agressividade e pela confusão narcísica, já que estão dispostas no nível imaginário (contrariamente às identificações femininas, que estariam no nível simbólico). Elas indicam rivalidade em relação a figuras masculinas (claramente presente na maneira depreciativa de Dora

falar dos homens, nesta sua maneira de dizer que os homens não servem para nada), ao mesmo tempo que absorção de alguns traços imaginários (como o ato de fumar, a concorrência intelectual, entre outros) que constituirão seu eu. (citado por Safatle, 2016, p. 388)

Quem são estas figuras femininas, mulheres do século 19, em uma família burguesa, que permitiriam as identificações femininas? O que elas apontam para Dora? Uma mãe infeliz, cheia de achaques histéricos, refugiada no sintoma obsessivo da limpeza (da leucorreia, da sífilis, do horror à vida sexual), traída e humilhada, surda e cega para a filha com olhos apenas para o filho. A governanta com quem dividia segredos sexuais, serviçal, também humilhada, sem perspectivas de realizações, exceto a permanência na posição de subalternidade de uma mulher de sua classe social. A Sra. K com um casamento falido, filhos que não lhe importavam, com sintomas histéricos e passagens por sanatórios, um amante impotente cujo poder era a riqueza. De que feminilidade estamos falando? Mulheres sem voz, que só tiveram direito ao voto na Áustria em 1918, submetidas ao poder dos homens. Esses sim, sobretudo nos estratos burgueses europeus do século 19, tinham bastante poder simbólico e de fato sobre as mulheres, todas deles dependentes, submetidas ao poder patriarcal. Para que servem os homens além de causarem sofrimento e opressão às mulheres? Servem pela sua potência: o pai com seu dinheiro, o Sr. K com sua ereção, Freud com seu saber intelectual. Como integrar as duas vias identificatórias em uma família burguesa patriarcal, sendo a sexualidade contingente, e construir um destino outro que não o da repetição de um casamento infeliz? Há um destino funesto (para usar a expressão de François Roustang) do qual Dora não escapa.

O pensamento patriarcal é insidioso e abrangente, condensando e deslocando inúmeras questões ligadas ao gênero. Como o racismo estrutural, ele permeia nossas concepções de mundo e é “naturalizado”, deixando de nos causar espanto e assim escapando ao pensamento crítico. O ponto central reside nas relações político-sociais de poder nas suas variadas manifestações. Em todas as sociedades hierarquizadas, os mais poderosos submetem os mais vulneráveis. Da geopolítica aos microcosmos familiares, essa dinâmica se reproduz. Ela pode se apresentar de forma ostensivamente violenta ou se mascarar como proteção. É preciso estar atento e forte.

Assim, um intelectual do porte de Safatle, neste brilhante artigo sobre Dora, ao tratar da dissociação dela entre o gozo e os vínculos afetivos, propõe uma saída para a histeria:

Poderíamos imaginar que Dora teria sido capaz de lidar melhor com sua histeria na medida que pudesse integrar suas reivindicações masculinas no interior de uma relação afetiva, o que exigiria um homem para quem tais reivindicações fosse

ocasião de gozo, e não sinais de alguma forma de protestação viril ameaçadora. Isto só seria possível se Dora constituísse escolhas de objeto para além da série produzida pela identificação com o pai. Por outro lado, ela deveria integrar a forte tendência oral de seu gozo, resolvendo o “mistério de sua feminilidade corporal”. Difícil imaginar que isso seria possível no interior de um casamento burguês do começo do século 19 – o que implicaria aceitar que a pergunta sobre o que é uma mulher simplesmente não pode ser enunciada, já que sua resposta não está em uma elucidação, mas em uma construção. (2016, p. 388)

Sem se dar conta de como o conservadorismo perpassa sua escrita nesse momento, Safatle entende que um “marido compreensivo” – impossível no contexto patriarcal do início do século 19 – poderia dar à Dora uma saída para a sua histeria. Um marido. Dora, presa no seu tempo e nas armadilhas da sua neurose, só consegue contar, por meio do sofrimento em seu corpo e sua vida, o fracasso de outras possibilidades para uma mulher. Sem outras saídas, Dora permanece histórica.

O político é pessoal

Não pretendo aqui aprofundar a discussão sobre os feminismos. Na realidade, eles são plurais e, muitas vezes, entram em choque, não contemplando nem engajando todas as camadas da população e desconsiderando os recortes raciais. Meu propósito é tão somente nos situarmos no tempo histórico contemporâneo brasileiro para dar sentido ao encontro ficcional de uma analista com Dora.

No Brasil e em outros países, a história dos movimentos feministas é relatada como estruturada em ondas. A divisão dos feminismos em ondas é uma forma de definir características e ênfases em um momento específico, conforme uma separação cronológica dos acontecimentos. No caso brasileiro, a primeira onda teria como marco a conquista do sufrágio feminino em 1932; a segunda reivindicaria mais direitos, inclusive políticos, no contexto da ditadura militar; já a terceira teria sido marcada pela institucionalização da participação do movimento feminista. Algumas autoras utilizam o termo quarta onda para nomear as mudanças nos feminismos contemporâneos. As características da quarta onda devem ser compreendidas em um contexto de ampliação do uso da internet. Cabe ainda ressaltar que a ideia de ondas, muitas vezes, acaba encobrindo, sob uma única camada homogeneizante, a diversidade inerente aos campos discursivos feministas de ação. Há uma fluidez das ondas, ou seja, elas não se encerram exatamente de um ano para o outro, além de divergirem conforme os países analisados (Perez & Ricoldi, 2023).

Não cabe aqui me estender sobre as reivindicações feministas, mas salientar uma das bandeiras da quarta onda, sintetizada em “o político é pessoal”.

De alguma forma, nas considerações anteriormente feitas de que as subjetividades são contingentes e carregam as marcas de possibilidades/impossibilidades de seu tempo, entendemos que o pessoal é político, proposição da terceira onda feminista. O eu, sendo antes de tudo corporal (Freud, 1923/1976b) e social (Freud, 1921/1984), nos permite essa compreensão. A afirmativa seguinte, de que o político é pessoal, demanda novas reflexões.

No Brasil, podemos nos lembrar do movimento que aconteceu na internet e que resultou em grandes manifestações públicas no primeiro e no segundo turnos das eleições presidenciais de 2018, contra o então candidato Bolsonaro. Milhares de mulheres foram às ruas a partir do #EleNão. O repúdio ao candidato de extrema-direita fez multidões, majoritariamente composta por mulheres, entenderem que a política era pessoal. Estavam em jogo pautas fundamentais, muitas delas já alcançadas, como o direito ao aborto em caso de estupro. O retrocesso desse direito – agora novamente ameaçado por um parlamento conservador e de direita – incide no corpo de cada mulher, na sua pessoa. O político é pessoal.

Dora e o #MeToo

Abusos têm sido cometidos em todas as épocas em sociedades em que o poder – como quer que ele se apresente – é hierarquizado.

Com *O remorso de Baltazar Serapião*, Valter Hugo Mãe ganha o Prêmio Literário José Saramago, em 2007. Mãe narra, no Portugal medieval, a história dos Sarga, “nascidos de pai e vaca”, e de seu primogênito, Baltazar, camponês miserável e de passividade bestial, cujas vida e jovem esposa são exploradas por Dom Afonso, senhor das “almas e coisas” daquela terra. Os abusos e as humilhações que Baltazar sofre do seu senhor são replicados na violência dos maus-tratos que ele inflige à sua mulher, mutilando-a. Ermesinda, a mulher, violentada pelo senhor, torturada pelo marido, não fala. Não porque fosse muda, mas porque

a voz das mulheres estava sob a terra, vinha de caldeiras fundas onde só o diabo e gente a arder tinha destino. a voz das mulheres, perigosa e burra, estava abaixo do mugido e atitude da nossa vaca, a sarga, como lhe chamávamos. (Mãe, 2011, p. 11)

A desumanização impede a fala. Se não há voz das mulheres é porque, reificadas, não há escuta para elas. A possibilidade discursiva advém de um lugar de reconhecimento. O que as lutas feministas buscam, no reconhecimento pleno dos direitos das mulheres, é a validação de suas vozes. Hoje, a internet propicia a amplificação delas.

Assim nasce o #MeToo em 2017, na quarta onda do feminismo, a partir da denúncia de uma atriz norte-americana vítima de abuso sexual. Com esse

movimento, catapultado pelas mídias sociais, milhares de mulheres começaram a se manifestar. Não mais caladas. Não mais mudas. Muitos “senhores das almas e das coisas” passaram a ser denunciados. Alguns deles pararam nos tribunais e nas prisões.

Dora, ao procurar uma analista, no século 21, já articula muito bem o seu discurso. Tem em si a Dora de 1900, agora aquela que pode falar e ser escutada. Queixa-se à analista atual que não foi compreendida pelo seu antigo analista. Talvez não. O próprio Freud reconhece o seu fracasso no tratamento. Talvez ainda estivesse no letramento da sexualidade, organizando uma sintaxe do desejo. Mais de um século depois, desejamos que a psicanálise atenda aos desafios dos tempos em que vivemos. Que ela possa ser contemporânea, como Agamben propõe.

Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (V. N. Honesko, Trad.). Argos.
- Butler, J. (2024). *Quem tem medo do gênero?* (H. R. Candiani, Trad.). Boitempo.
- Freud, S. (1976a). Fragmento de análisis de un caso de histeria. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 7, pp. 1-107). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976b). El yo y el ello. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 19, pp. 1-59). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1984). Psicología de las masas y análisis del yo. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 18, pp. 63-136). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1986). La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 9, pp. 159-182). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908)
- Green, A. (2002). Histeria e estados-limite: quiasma: novas perspectivas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(3), 465-486.
- Mãe, V. H. (2011). *O remorso de Baltazar Serapião*. Editora 34.
- Perez, O. C. & Ricoldi, A. M. (2023). A quarta onda feminista no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 31(3), e83260. <https://tinyurl.com/dtp3mnjf>
- Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas* (C. Rodrigues, Trad.). Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trans.). Jorge Zahar.
- Safatle, V. (2016). Permanecer histórica: sexualidade e contingência a partir do caso Dora. *Ágora*, 19(3), 377-391. <https://tinyurl.com/yc46t7s3>

Recebido em 7/3/2025, aceito em 17/3/2025

Liana Albernaz de Melo Bastos

lianaambastos@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n1.16